

PSICOTERAPIA GRUPAL COM AGENTES CARCERÁRIOS: UMA NECESSIDADE E POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO SOCIAL

KOCHENBORGER, Caroline Sidineia;

RISSON, Ana Paula;

Resumo

INTRODUÇÃO: As Unidades Prisionais Avançadas (UPA) foram criadas no intuito de ser um espaço para reter indivíduos desviantes dos códigos sociais da sociedade, mas acaba por encarcerar os agentes que convivem com a ambiguidade entre a punição e a ressocialização, causando inúmeras incertezas nessa via dupla. Nessas condições que compreendem o processo de estigmatização, a violência eminente, a pressão subjetiva de disciplinador, o contato direto com as margens da sociedade faz desta profissão uma grande produtora de estresse, sendo esta uma dimensão psíquica que, se não escoada de forma terapêutica vem a ocasionar inúmeras complicações à saúde mental do trabalhador. (KAUFFMAN, 1988, p. 23). Segundo o Sindicato dos Agentes Carcerários do Paraná (SINDARSPEN), estima-se que, em âmbito federal, 10% de todo o efetivo da Secretaria da Administração Penitenciária afastou-se de suas funções no ano de 1998, com distúrbios de natureza mental e emocional. No mesmo ano, morreram 31 funcionários de presídios - quase três por mês - com idade média de 43,6 anos, bastante abaixo da expectativa de vida dos brasileiros, de 68 anos. Uma pesquisa da Academia Penitenciária revela que aproximadamente 30% dos trabalhadores em presídios têm consumo elevado de

ANU

bebidas alcoólicas e um em cada dez sofre de transtornos psicológicos. Outra pesquisa, citada pelo SINDARSPEN, mostra que 9% usavam medicamentos, 81% tinham problemas digestivos; para 90% a renda devia ser maior, para 71% a alimentação era ruim ou malfeita, para 72% o ambiente de trabalho era ruim ou desagradável, e 73% sentiam que tinham a vida ameaçada em sua atividade de trabalho. Nos outros estados do sul brasileiro evidenciamos um cenário de projetos legislativos em favor da proteção da saúde mental e emocional desta categoria, enquanto que em Santa Catarina estes não possuíam, até 2015, se quer um sindicato, sendo representados pela Departamento de Administração Prisional - DEAP, os dados do estado são mínimos, os estudos mais raros ainda, o que não indica que Santa Catarina não possui problemas desta natureza, e sim que ela é negligenciada e omitida. Essa escassez de dados acaba por minorar a necessidade de atenção psicossocial que precisa ser oferecida aos profissionais desta ordem, levando em consideração a quantidade de unidades e presídios no estado. Diante desta realidade, por meio o componente curricular de Técnicas de Avaliação e Intervenção Psicossocial, foi construído um projeto de intervenção social, vistas a contribuir com o processo de saúde dos agentes carcerários. O projeto ainda não foi implementado, entretanto, faz-se o registro do mesmo como uma possibilidade de inserção da Psicologia neste contexto e melhoria da qualidade de vida do Agente Carcerário.

OBJETIVO DO RESUMO: apresentar e registrar uma possibilidade de intervenção junto aos agentes carcerários de uma Unidade Prisional Avançada. **SOBRE A UPA:** está localizada em uma cidade do extremo oeste catarinense. Neste local trabalham como agentes fixos 17, sendo quatro femininos, em escalas de trabalho de 24 horas e folgas de 72 horas, que são responsáveis por uma média de 60 detentos, distribuídos em 6 salas. **SOBRE O PROJETO DE INTERVENÇÃO:** o objetivo do projeto é realizar psicoterapia de grupo com agentes carcerários de uma Unidade Prisional Avançada, abordando temáticas que emergirem nos encontros. **METODOLOGIA:** Em visita realizada no segundo semestre do ano de 2015 à UPA, no intuito de realizar a atividade do componente curricular de Estágio Básico III, foram coletados dados com

a administração abordando a necessidade de um olhar psicológico para com os agentes que ali trabalhavam e a importância de um trabalho grupal para que estes pudessem conviver melhor com os colegas de trabalho e na vida pessoal. Em 2016, por meio do componente curricular de Estágio Básico V, foi realizada uma pesquisa de clima entre os agentes. Dentre os dados levantados, foi identificado que há questões como o relacionamento entre os colegas fragilizado. Em conversa com os gestores da Unidade os mesmos ressaltaram as constantes brincadeiras e chacotas que acontecem dentro do ambiente de trabalho e que estas muitas vezes acabam por desencadear situações de esgotamento geradas por uma série de outros fatores, contribuindo para o relacionamento instável entre os mesmos. A partir destas considerações sugere-se como projeto de intervenção, psicoterapias grupais a luz da teoria psicanalítica que abarca as escolas freudianas além de outras como Bion e Lacan. Através desta ótica vem à tona a questão da relação do trabalho como algo que causa sofrimento psíquico. Ainda por este viés podemos fazer uma análise da própria profissão como causadora de disfunções de humor, pois a profissão de agente carcerário faz com que o profissional esteja sempre alerta, em um estado de adrenalina constante, causando estresse e desgaste emocional que muitas vezes é naturalizado na profissão. Como nos alerta Dejours (2007, p. 73), "o sofrimento no trabalho é inevitável, pois coloca o sujeito na presença do inesperado, podendo gerar uma sensação de fracasso e incapacidade. É importante nessa dinâmica analisar quais são os destinos possíveis para o sofrimento, podendo este ser transformado em prazer e criatividade ou resultar em frustração e adoecimento." Na direção de abarcar essas necessidades de forma catártica e preventiva considera-se a perspectiva grupal uma forma de contemplar os anseios de escuta e compartilhar experiências, angústias, medos, frustrações, assim encontra-se no grupo terapêutico uma ferramenta de grande auxílio para a atenção à saúde mental dos agentes e na procura de tornar o labor criativo e prazeroso. Em relação ao embasamento dos grupos terapêuticos, estes podem possuir variados referenciais teóricos, mas visam objetivos em comum, como nos explica Zimerman (2000, p. 95), "os grupos

constituídos em prol de objetivos psicoterápicos partem da compreensão de que estas dirigem-se ao insight. Deste modo, apoiados em um referencial teórico-técnico que pode ser: psicanalítico, psicodramático, sistêmico, cognitivo-comportamental, dentre outros.” CONSIDERAÇÕES FINAIS: Desta forma o trabalho em forma de grupos se demonstra muito oportuno para o cenário da unidade prisional, pois trata da formação do insight de cada indivíduo participante e ainda, do estabelecimento de um vínculo dentro do próprio grupo que volta-se diretamente para a problemática da convivência conflituosa entre os agentes. Procura-se com a proposta de realização destas psicoterapias fortalecer laços entre os agentes e proporcionar um ambiente de confiança e acolhimento mútuo, de respeito às diferenças e respeito à vida emocional de cada colega, procurando através da empatia promover reflexões catárticas em relação as experiências de cada um, oportunizando a criação de um ambiente de trabalho mais acolhedor e tranquilo.

Referências:

DEJOURS, C. A psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In A. M. Mendes, S. C. Cruz Lima & E. Facas (Orgs.), Diálogos em psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo15. 2007

KAUFFMAN, Kelsey., Prison Officers and Their World. Cambridge, Harvard University Press. 1988.

SINDARSPEN. Uma profissão de alto risco. Artigo 636. 2015. Disponível em: <<http://www.sindarspen.org.br/artigos/636/uma-profissao-de-alto-risco>>. Acesso em 05 de Abril de 2017.

ZIMERMAN, David E. Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre: Artes Médicas Sul: 2000.

e-mail: carolinesk@hotmail.com; ana.risson@unoesc.edu.br